

A produção literária africana como ferramenta decolonial e antiimperialista

African literary production as a decolonial and anti-imperialist tool

Soriba Diakhaby*
Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

João Claudio Arendt**
Universidade Federal do Espírito Santo - UFES
Universidade Federal do Rio Grande - FURG

183

RESUMO: Este artigo propõe refletir sobre a literatura de ficção em África. Trata-se de abordar as atuações das produções literárias africanas sobre a África no processo de combate contra o sistema (neo)colonial e imperialista, mostrando os processos e métodos de tais sistemas para conquistar aquele continente. Também objetiva destacar os papéis desempenhados pela literatura em África, no âmbito de busca de liberdade política até a elaboração de sua própria história moderna. Metodologicamente, este trabalho se fundamenta no aporte teórico dos autores e pesquisadores seguintes: Luis Eustaquio Soares e Luis Carlos Mañuz Sarmiento (2019). A literatura africana desempenha papéis significantes para buscar a liberdade política, econômica e militar, que a conduzirá a elaborar a sua própria história moderna. O surgimento dos atores do terceiro imperialismo (Rússia, China, Índia etc.), está enfraquecendo os grandes imperialistas e neocolonialistas (Europa e Estados Unidos), libertando econômica, política e militarmente os países oprimidos pelo jugo dos ocidentais.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura africana; Colonialismo; Imperialismo; África.

* Graduado em Letras Português pela Universidade Cheikh Anta Diop, de Dakar. Mestre em Letras pelo PPGL da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Foi bolsista Capes.

** Doutor em Letras pela PUCRS. Professor visitante na Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e professor voluntário no PPGL da Universidade Feral do Espírito Santo (UFES).

ABSTRACT: This article proposes to discuss about fiction literature in Africa. It is about addressing the actions of African literary productions on Africa in the process of combating the (neo) colonial and imperialist system, showing the processes and methods of such systems to conquer that continent. It also aims to highlight the roles played by literature in Africa, from the search for political freedom to the elaboration of its own modern history. Methodologically, this work is based on the theoretical contribution of the following authors and researchers: Luis Eustáquio Soares e Luis Carlos Mañuz Sarmiento (2019). African literature plays significant roles in seeking political, economic and military freedom, which will lead it to elaborate its own modern history. The emergence of the actors of the third imperialism (Russia, China, India, etc.), is weakening the great imperialists and neocolonialists (Europe and the United States), economically, politically and militarily liberating the countries oppressed by the western yoke.

KEYWORDS: African Literature; Colonialism; Imperialism; Africa.

A Literatura no contexto decolonial e antiimperialista em África

A África é o mais recente continente que iniciou a escrita de sua história, verdadeiramente a partir do período pós-colonial. Portanto, fica claro que a história de África foi gravada na oralidade dos seus diferentes povos. Esse procedimento de imortalizar histórias é desconsiderado ou refutado por alguns pensadores europeus, que consideram a África um continente sem história, esquecendo que a escrita é o resultado do pensamento interior, ou seja, que o escritor conversa oralmente com seu subconsciente, antes de transcrever seu pensamento no papel. Então, a escrita mesma é o resultado de uma comunicação oral. Nesse sentido, afirma Tierno Bokar¹:

A escrita é uma coisa, e o saber, outra. A escrita é a fotografia do saber, mas não o saber em si. O saber é uma luz que existe no homem. A herança de tudo aquilo que nossos ancestrais vieram a conhecer e que se encontra latente em tudo o que nos transmitiram, assim como o baobá já existe em potencial em sua semente (Cf. Bâ, 2010, p.167).

No entanto, a escrita sobre o continente África conhece dois momentos: a literatura colonial, que é vista por vários autores e escritores como uma literatura que exalta o homem europeu e americano, marginalizando ou refutando a população negra e considerando as suas realidades como inferiores

¹ Tierno Bokar Salif, falecido em 1940, passou toda a sua vida em Bandiagara (Mali). Grande Mestre da ordem muçulmana de Tijaniyya, foi igualmente tradicionalista em assuntos africanos. (Cf. HAMPATÉ BÂ, A; CARDAIRE, M. 1957)

e bárbaras; e a literatura pós-colonial ou africana, considerada literatura engajada, uma escrita que confrontou a ideologia ocidental da percepção dos povos africanos, quando “[...] o imperialismo europeu impõe [impôs] a sua própria ideia de civilização como se fosse a casa ideal para todo o mundo, acusando de antemão a periferia pilhada de ser o lugar do caos e da barbárie” (SOARES; SARMIENTO, 2019, p.79).

Entende-se a literatura colonial como todas as produções literárias feitas no tempo de colonialismo sobre a África. Os escritores colonialistas assumiram a tarefa de relatar os acontecimentos e de escrever a história política, social e econômica durante suas ditas “missões de colonizar ou/e trazer civilizações”. Para a justificação de tais missões, o invasor europeu e/ou americano narrou seu confronto com as sociedades africanas como se fosse legal e legítima, com concepções racistas para justificar a ilegitimidade do colonialismo e do imperialismo. Como assinalou a pesquisadora Jurema José de Oliveira, a produção literária nos países africanos divide-se em duas fases:

[...] a da literatura colonial e a das literaturas africanas. A primeira exalta o homem europeu como o herói mítico, desbravador das terras inóspitas, portador de uma cultura superior. A segunda constitui-se inversamente, pois nela o mundo africano passa a ser narrado por outra ótica. O negro é privilegiado e tratado com solidariedade no espaço material e linguístico do texto, embora não sejam excluídas as personagens europeias (de características negativas ou positivas). É o africano que normalmente preenche os apelos da enunciação e é ele quase exclusivamente, enquanto personagem ficcional ou poético, o sujeito do enunciado (OLIVEIRA, 2008, p.43).

Assim, a literatura de ficção torna-se o terreno onde se confrontam as ideologias, discutem-se as discordâncias e divergências na percepção das coisas. Em outras palavras, no contexto africano, é a literatura defensora que conta a “verdadeira” história através da ficção. É a literatura que restitui os valores, culturas e tradições negligenciadas pela literatura colonial.

A África é um dos continentes que mais possui matérias primas e recursos naturais, a saber petróleo, ouro, diamante, urânio, gás natural e terras férteis para a agricultura. O continente é cobiçado e explorado econômica e humanamente desde o século XV por meio da colonização e seus sistemas e

processos de exploração e dominação. No século XIX, a metrópole iniciou o sistema neocolonialista. Os países europeus e americanos colonizaram novos territórios, em África e em Ásia, no sentido de aumentar suas potências políticas e econômicas. As primeiras expedições do século XIX em África foram executadas pelas sociedades científicas e governamentais, igualmente seguindo a população que pretendia saber mais sobre o continente africano ainda misterioso. Assim, a história dos viajantes confundiu-se rapidamente com a da colonização, visto que os viajantes exploravam sob o mando de uma potência europeia. Ademais, essas visitas multiplicaram o conhecimento do continente e a descoberta dos recursos naturais disponíveis em África. As missões confiadas a exploradores ou imperialistas eram variadas: assinar tratados com as populações locais, conquistar um território para um país da metrópole, destruir os concorrentes, cartografar a região etc. Assim, dividiram o continente africano na conferência de Berlim, realizada entre novembro 1884 e fevereiro 1885. Da mesma forma que a colonização, o imperialismo foi majoritariamente conduzido pelos franceses, portugueses, holandeses e britânicos.

186

Para atingir suas missões, os países ocidentais procuravam as matérias primas e recursos naturais que deram sequência à invasão desses territórios em que as populações viram-se tomadas como produtos. Esse sistema (neo)colonial e imperialista criou consequências no seio das populações que eram exploradas e vítimas de pobreza, e de discriminação racial. A África tornou-se dominada no contexto econômico e cultural.

A América e seu servidor, a Europa², desejavam igualmente aumentar suas influências em nível internacional. Eles agiam com sentimento de superioridade frente as populações dos países colonizados e se achavam portadores da missão de civilizar os povos que eles consideravam como inferiores. Portanto, nesta

² Após a segunda guerra mundial, a Europa tornou-se impotente, subimperialista e submissa aos Estados-Unidos.

época contemporânea, a Europa tornara-se sujeito dominada e manipulada pelos Estados Unidos. O método europeu no processo de imperialismo foi basicamente “escrito”, conforme as reflexões de Luis Carlos Muñoz Sarmiento e Luis Eustaquio Soares:

[...] temos dois modelos, por exemplo, de literatura: uma literatura de regime poético, basicamente eurocêntrica; e uma literatura de regime estético, comprometida com a reescrita, sob o ponto de vista das alteridades, da partilha do sensível imposta pelo imperialismo europeu no mundo inteiro, partilha que define de forma racista o lugar do civilizado e o do bárbaro; do produtivo e do improdutivo, do inteligente e do ignorante; do saber e do não sabe. (2019, p.81).

A Europa, antes de ser subimperialista, optou por duas estratégias da literatura para propagar o imperialismo: a primeira, através da discriminação indireta do pensamento de outro, exaltando exclusivamente o texto poético eurocêntrico que sustenta as produções intelectuais da Europa; a segunda serviu-se da literatura de caráter estético para criar distinções entre povos e raças, colando ao europeu o conceito de excelência em todos os domínios. E no domínio agrícola e agro-alimentar, a África viu-se explorada economicamente, e os habitantes locais despossuídos de suas terras, trabalhando na agricultura para os benefícios do imperialista, que alimentava a indústria têxtil e alimentar europeia. Para Eustaquio Soares e Carlos Muñoz:

O imperialismo europeu agitou as forças da Terra, capturando-as, matando-as e domesticando-as a seu favor, expandindo-se com tecnologias do ritornelo romântico enquanto produzia o caos no mundo inteiro, e, como se fosse um Deus magnânimo, ofereceu a casa de seu modelo de civilização como ideal de ego a ser perseguido e desejado pelas periferias barbarizadas (2019, p.79).

Assim, o europeu agiu como um Deus responsável pela vida e morte para intimidar os povos, torturando-os com atrocidade, tornando-os objetos vivos que devem invejar e seguir o homem europeu. Tudo isso deu-se por meio da tecnologia do ritornelo romântico, que foi previsto e consistiu em enganar as vítimas e domar seus espíritos à submissão absoluta. Nessa situação, formaram-se movimentos intelectuais de contestação, que se serviram da literatura de ficção para denunciar o sistema imperialista, memorando ou immortalizando o passado da África tão pacífica e próspera. Para Jurema J. de Oliveira:

[...] pode-se dizer que o universo literário e cultural dos naturais da terra, nas literaturas africanas, é valorizado e explorado significativamente, pois, quando os autores negam a legitimidade do colonialismo no discurso literário, fazem da revelação e valorização do mundo africano a raiz primordial tanto na ficção quanto na poesia, que, inicialmente, foram registradas em jornais ou folhetins (2008, p.43).

Esse trecho da reflexão da autora mostra a evolução e os objetivos da literatura de ficção em África lusófona, visto que o engajamento dos intelectuais no universo literário é muito significativo desde o colonialismo até o imperialismo, e continua a combater ambos os sistemas através suas produções literárias, que foram registradas inicialmente em jornais ou folhetins. A literatura escrita de ficção surgiu nesse contexto pós-colonial e imperialista, desempenhando um papel significativo na escrita sobre a África. Como afirma a pesquisadora Ana Claudia Camerano, a literatura de ficção:

permite gerar novos tipos de conhecimento e abordagens metodológicas, e é nessa linha de conhecimento que se pode inferir a literatura como uma representação cultural central e mecanismo de reinterpretação das realidades afetadas pelo colonialismo e imperialismo (CAMERANO, 2018, p.52).

188

As culturas, crenças, educação, autonomia alimentar e outras realidades foram afetadas pelo novo sistema imposto pelos ocidentais. Daí a importância da literatura, destacada por Camerano, que permitiu gerir novos caminhos na resolução dos problemas, e uma das ferramentas mais eficazes na restituição dos valores e reinterpretação das realidades africanas. Hoje em dia, o imperialismo europeu tornou-se subimperialista, e a Europa encontra-se numa posição também dominada pelos Estados Unidos. Ao lado do (neo)colonialismo e do imperialismo europeu, surgiu, portanto, o surto de dominação dos Estados Unidos sobre o resto do mundo.

Destaca-se que este artigo busca refletir também sobre o imperialismo dos Estados Unidos no mundo, o qual alimenta o capitalismo nas diversas sociedades. Trata-se de exibir os métodos pelos quais os Estados Unidos optaram por conseguir dominar o mundo, mostrando as eventuais consequências de tal intimidação. Para isso, apoia-se em livro *Sete ensaios*

sobre os imperialismos, de Soares e Sarmiento, como suporte teórico para analisar o imperialismo da América do Norte.

Em termo gerais, o imperialismo americano é uma expressão utilizada para referir de maneira crítica a influência dos Estados Unidos nos domínios políticos, militares, econômicos e culturais no mundo. Esse termo implica geralmente uma apreciação desfavorável, quando evoca a supremacia militar americana. Segundo fontes históricas, a guerra de 1898 contra a Espanha marcou o início da potência estadunidense no mundo. Essa guerra vitoriosa dos norte-americanos resultou na conquista de novas terras, utilizando primeiro o modelo europeu como herança cultural imperialista. A Europa, precursora de imperialismo, legou aos norte-americanos algumas estratégias para conseguir a expansão territorial. Vemos isso nas reflexões de Eustaquio Soares e Carlos Sarmiento:

[...] o imperialismo europeu legou para o americano o seguinte axioma: expansão territorial de um lado e intriga palacial de outro. O que equivale a dizer, em termos de gênero literário: de um lado é preciso ser épico, conquistar territórios; de outro, é preciso ser lírico, isto é, transformar a cultura em suporte estético e subjetivo de uma plataforma publicitária, cujo objetivo central é esboçar um rosto humano, para não dizer mitológico, do invasor épico, de tal maneira que este seja apresentado aos povos colonizados como magnânimo, criativo, inteligente, civilizado, um sublime ideal de guerra para os capturados pela mortalha épica do colonizador/invasor genocida (2019, p.79).

189

Assim, os americanos beneficiaram-se da herança dos seus antigos dominadores para conquistar espaços. Além disso, o imperialista norte-americano tornou-se um ser sentimental, em outras palavras, emocional, para transformar sistematicamente a cultura de maneira estética e subjetiva na tentativa de enganar o subjugado que poderia imaginar o americano como mais inovador, civilizado, inteligente etc. Além dessa estratégia primária do imperialismo, há outros fatores que proporcionaram a sua potência, como o advento das tecnologias que geraram a indústria cultural. Se a escrita foi o fator que favoreceu consideravelmente o imperialismo europeu, os produtos da indústria cultural, tais como filmes, programas de televisão, de rádio e shows musicais, também se destacam, conforme afirmam Soares e Sarmiento:

O segundo imperialismo da civilização ocidental é o americano. Tal como o primeiro, o europeu, faz uso do axioma de rosto concomitantemente lírico e épico como meio de dominação da periferia ou das alteridades. Para tanto, diferentemente do primeiro imperialismo, usa tecnologias de genocídio diversas, que não emergem como expressão do regime significativa da rostidade europeia (2019, p.81).

Como se pode observar, as tecnologias desempenham papéis relevantes no imperialismo norte-americano, primeiro, de maneira ficcional, através do cinema que exibia a imagem, a força, o estilo dos Estados Unidos por meio das realizações cinematográficas horríveis ou extraordinárias; e segundo, essa ficção manifesta ou assume ações reais em alguns conflitos diretos ou indiretos entre o invasor (Estados Unidos) e outras nações/estados do mundo. Os Estados Unidos tornaram-se o grande fornecedor e vendedor de armas de guerra do planeta, criando e/ou sustentando conflitos entre nações para seus interesses políticos e econômicos. Por exemplo, as guerras que estão acontecendo no Oriente Médio são indiretamente inflamadas pelos Estados Unidos com o objetivo de furtar/usurpar os recursos naturais, sobretudo o petróleo abundante naquela parte do mundo.

Assim, os Estados Unidos conseguiram se impor mundialmente por meio de um fator principal, a saber, a produção cultural que reflete a sua imagem no plano político, militar e econômico. A evolução da tecnologia nos Estados Unidos, como os meios de comunicação, sobretudo as redes sociais, permitem manter o monopólio de informação. O imperialismo americano engendrou consequências no domínio social, e o estilo americano é hoje influenciador, assim como o dólar no domínio econômico que se balança contra o Euro. “Nessa óptica, as alteridades são instigadas pelo imperialismo americano a se encarnarem no dólar através de um processo sem fim de ascendência burguesa marcada e demarcada pelo estilo americano de vida” (SOARES, SARMIENTO, 2019, p.89).

Fazendo uma comparação entre o subimperialismo europeu e o imperialismo norte-americano, ambos sustentados por fatores distintos, nota-se que o último é o mais intenso e sentido em todas as partes do mundo. A Europa sofre de vassalagem aos Estados Unidos, mas juntos exploram os demais nações de África, de América Latina e de Ásia. Portanto, é pertinente colocar a seguinte questão: como seria a evolução de ambos os sistemas de dominação, sem os fatores impulsivos adotados por imperialistas? A resposta a esta questão pode ser extraída da passagem a seguir, que destaca os métodos dos imperialistas:

De qualquer forma, assim como o imperialismo europeu precisou da escrita, o americano precisou de um suporte de comunicação planetário eficiente para se expressar mundialmente, com a diferença de que, para o segundo modelo de imperialismo da civilização ocidental, a escrita deixou de ser o seu principal meio de expressão, pois dominou desde o começo a videosfera, tal como a definiu o midiólogo francês Régis Debray: suporte midiático que tem como referência os ícones em movimento, ou seja, que tem como referência os rostos em movimento, razão pela qual pode editá-los ao infinito, narrando, noticiando e produzindo perspectivas líricas e épicas em conformidade com seus oligárquicos interesses. Sem, pois, o absoluto domínio da indústria cultural, de base icônica, o imperialismo americano não conseguiria se impor planetariamente (SOARES, SARMIENTO, 2019, p.85).

Como já se disse, os efeitos do imperialismo americano são notados em toda parte de mundo, sobretudo nos países de África e de Ásia que sofrem mais os efeitos desde o colonialismo, pelo fato de possuírem riquezas naturais variadas. Então, as nações de África e de Ásia serão as presas de todos os grandes predadores e por consequência serão sufocadas no plano político, econômico, militar e social. Na perspectiva de luta contra todos os tipos de colonialismo e de imperialismo em África, a literatura africana desempenha papéis significantes para buscar a liberdade política, econômica e militar, que a conduzirá a elaborar a sua própria história moderna.

Os papéis desempenhados pela literatura em África

Os escritores em África exerceram um notável protagonismo na luta pela emancipação política nacional, trazendo à literatura um caráter nacionalista,

subversivo e libertário (LIMA REIS, 2002). Bonnici (1998) classifica a estratégia das literaturas "dominadas" de forma dupla:

- (1) Uma tomada de posição nacionalista, quando a literatura pós-colonial assegura a si mesma uma posição determinante e central e
- (2) quando questiona a visão europeia e eurocêntrica do mundo, desafiando a sistematização de pólos antagônicos (dominador-dominado) para regulamentar a realidade (BONNICI, 1998, p. 18).

A primeira estratégia consiste em tomar consciência e engajamento frente à visão eurocêntrica e às ações ocidentais. Trata-se de acionar os intelectuais africanos nessa situação de dominação permanente e do destino do continente. E a segunda é agir contra todos os sistemas do saber colonial, neocolonial e imperialista que dominam e atrasam o desenvolvimento do continente. No campo de batalha e de subversão pela literatura é que muitas nações vão encontrar o estímulo para resistirem ao colonialismo e ao imperialismo (CAMERANO, 2018, p. 58). Diversos escritores e ativistas africanos vão, inclusive, encontrar na atividade literária uma maneira de lutar pela libertação nacional, e muitos, inclusive, vão conciliar tal atividade na participação ativa pela luta armada e/ou na vida política de seus países (LIMA REIS, 2002).

Nessa perspectiva, a literatura de ficção é uma arma contra o sistema colonial e imperialista, que será denunciado por alguns escritores francófonos, tais como *Os sóis das independências* (1968), de Ahmadou Kourouma, em que o autor critica o (neo)colonialismo; *Uma vida de boy* (1950), de Ferdinand Oyono, em que o escritor estabelece uma radioscopia da ideologia colonial, destaca os paradoxos do homem europeu e coloca em questão a administração colonial em África através do cotidiano do personagem Toundi, batizado com o nome José, adotivo de uma família branca. Além dos escritores francófonos africanos, há muitos autores lusófonos e anglófonos de África que se posicionam para a defesa, o desenvolvimento e a autonomia econômica, política e cultural do continente face aos invasores imperialistas. Assim, a obra literária torna-se uma arma para combater a presença dos colonialistas que exploram também economicamente o continente.

No momento contemporâneo, a África, a América latina e a Ásia sofrem ainda mais com o imperialismo e/ou neocolonialismo. Esses sistemas pilotados pelos americanos engendram consequências negativas, tais como dependência política, econômica e militar, e guerras civis. Vários países de África e do resto de mundo estão na instabilidade política, porque suas ações políticas e gestão governamental são ditadas pelos subimperialistas (europeus), que estão sob o comando dos norte-americanos.

Neste contexto, surgem alguns escritores e ativistas africanos da contemporaneidade que lutam contra as elites responsáveis pela má-gestão dos seus países, em cumplicidade com as potências de Europa e de América Norte. No contexto dos países francófonos de África, podemos citar alguns políticos, ativistas e militantes, como Stello Gilles Robert Capo Chichi (Benin), conhecido popularmente como Kémi Seba; Nathalie Yamb (Camarões); Sylvain Afoua, aliás Egountchi Behanzin; e também o político senegalês Ousmane Sonko. Todos são figuras famosas na África Ocidental por suas lutas de anti(neo)colonialismo, antiimperialismo, antirracismo, também defensores da ideologia panafricanista e apontam pejorativamente a *Françafrique* (Françafrika) como um sistema neocolonial entre a França e suas antigas colônias de África subsaariana, cujo primeiro fator de dominação econômica é a moeda colonial Franc CFA.³ Esses ativistas, escritores e políticos negam completamente toda forma de cooperação com os Estados Unidos e a Europa, ou seja, aspiram às cooperações equilibradas, justas e ganhos-ganhos. Igualmente defendem e promovem as cooperações militares, alimentares e econômicas entre estados africanos e a revogação das ideologias panafricanistas. Nesta postura de luta antineocolonial, Kémi Seba publicou o livro *A África livre ou a morte (2018)*, em que contestou a política ocidental nos países africanos desde o período das independências, notadamente a moeda Franc CFA, a presença militar ocidental em África, as multinacionais predadoras, o terrorismo fabricado e financiado

³ Franco da Comunidade Financeira Africana criado em 1945.

etc. Geralmente, sejam escritores ou ativistas, seus objetivos ultrapassam a questão colonial/neocolonial e decolonial, como assinalado por Teotônio:

Se encontram entre novos problemas que ultrapassam a herança da colonização. As elites locais são agora os novos alvos das problemáticas tratadas pela literatura, não especificando o colonizador como vilão, mas denunciando os vilões locais, mentes colonizadoras geradas pela criação dos Estado-nações [...], pelos encontros culturais trazidos pela globalização, dentre as dificuldades políticas e de sobrevivência na África (2013, p. 38).

As produções literárias contemporâneas em África abordam problemáticas atuais, a saber, como expulsar os Estados Unidos e seu vassalo, a Europa, do continente, combater o sistema capitalista instaurado pelos ocidentais, denunciar/combater a corrupção, a insegurança e outros problemas que podem infectar seus desenvolvimentos. Nesse âmbito, vanguardizam o respeito às constituições e o limite dos mandatos presidenciais, reclamam a liberdade política, econômica e militar, que lhes permitam elaborar suas próprias histórias de forma independente e democrática. Como destaca Ana Claudia Camerano:

Nota-se, então, que as literaturas africanas contemporâneas vão procurar desenvolver a sua própria modernidade, afastadas da modernidade ocidental imposta às sociedades pós-coloniais, dos padrões homogeneizantes e da subalternização individual. A "modernidade própria" procurada, a partir da comunicação das literaturas africanas com suas sociedades, é uma modernidade com identidades rizomáticas, visando dar voz àqueles sujeitos antes ocultados" (TEOTÔNIO, 2013, p. 12, grifo nosso). Para Eisenstadt (2001), a modernidade não é homogeneizante e a constituição de "programas culturais" em sociedades de diferentes níveis permitiu "múltiplas modernidades" (2018, p. 62).

A escrita literária africana aspira a uma modernidade tipicamente africana e se autodeclara como voz das nações sufocadas pelo sistema capitalista que explorou(a) as sociedades pós-coloniais. Ela também deseja colocar barreiras contra a transgressão de todas as formas de tentativas de dominação, que se manifestam sob a forma de armadilhas: "homenagear a modernidade". O pesquisador Eisenstadt esclarece que:

Uma das implicações mais importantes do termo "modernidades múltiplas" é que a modernidade e a ocidentalização não são idênticas; os padrões ocidentais de modernidade não constituem as únicas modernidades "autênticas", apesar de gozarem de precedência

histórica e de continuarem a ser um ponto de referência básico para os restantes (2001, p. 140).

A modernidade não é unicamente o alvo dos ocidentais, por isso, os intelectuais africanos elaboram suas próprias modernidades que poderiam ter similaridades com as dos ocidentais, mas apresentam ou guardam signos diferenciadores devido às diferenças culturais. Finalmente, a recusa da modernidade ocidental pelas sociedades (pós)coloniais estimulou uma produção literária que procurou (e procura) refutar a modernidade ocidental impositiva, silenciadora de culturas, influenciadora de políticas e predadora de recursos naturais, para acionar uma modernidade fundamentada em uma perspectiva própria e independente (CAMERANO, 2018, p. 63).

Considerações Finais

Na perspectiva do decolonialismo e do antiimperialismo, a literatura africana exerceu(e) papéis significantes. Trata-se de meio de luta que consideramos mais adequado, porque os atores servem-se das palavras para dialogar, negociar contrariamente à luta armada que pode provocar perdas humanas. Contestar, combater, reclamar, através da escrita literária é uma das formas mais pacíficas e benéficas que os intelectuais africanos utilizam no processo de libertação de suas nações sob dominação (neo)colonial e imperialista.

Os Estados Unidos tornaram-se os grandes imperialistas no mundo, instaurando nos países subjugados o sistema capitalista, responsável pelas crises políticas e econômicas das nações vítimas. Os norte-americanos impõem-se mundialmente graças a sua forte produção industrial e, por consequência, ameaçam algumas nações ou guerreiam em favor de outras por seus próprios interesses. Então, todos os países de grandes riquezas de África e no resto de mundo ficam sob controle e exploração dos Estados Unidos. Contra essa postura sufocante, veio a literatura africana, a palavra, seja escrita ou oral como arma de libertação, de afirmação da soberania e independência. Sem esquecer o surgimento da Rússia, China, Índia etc., que estão enfraquecendo os grandes imperialistas e

neocolonialistas (Europa e Estados Unidos), libertando econômica, política e militarmente os países oprimidos pelo jugo dos ocidentais.

Referências

BÂ, Amadou Hampatê et al. **A tradição viva. História geral da África**, v. 1, p. 167-212, 2010.

BONNICI, Thomas. **Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais**. Mimesis, Bauru, v. 19, n. 1, p. 07-23, 1998.

CAMERANO, Ana Cláudia S. **A invisibilidade das narrativas africanas em Relações Internacionais: o case da Rainha Nzinga**. Monografia - Departamento de Ciências Econômicas e Relações Internacionais - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

EISENSTADT, S. N. **Modernidades múltiplas**. Revista Sociologia: problemas e práticas, n. 35, p. 139-163, 2001.

LIMA REIS, Eliana Lourenço. **As Literaturas Africanas em Tempos Pós-Utópicos**. Aletria: Revista de Estudos de Literatura, [S.l.], v. 9, p. 202-210, dez. 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/17935>. Acesso em 14/12/2022.

OLIVEIRA, Jurema José de. **As literaturas africanas e o jornalismo no período colonial**. O Marrare. Revista da Pós-Graduação em Literatura Portuguesa da UERJ. Rio de Janeiro. Instituto de Letras/UERJ, volume 8, ano 2008. Disponível em: <http://www.omarrare.uerj.br/numero8/pdfs/jurema.pdf>. Acesso em 05/12/2022.

SARMIENTO, Luis Carlos Mañuz; SOARES, Luis Eustaquio. **Sete ensaios sobre os imperialismos**. Edufes, 2019.

TEOTÔNIO, Rafaella Cristina Alves. **Por uma modernidade própria: o transcultural nas obras Hibisco roxo, de Chimamanda Ngozi Adichie, e O Sétimo Juramento, de Paulina Chiziane**. Dissertação (Mestrado em literatura e Interculturalidade) - Universidade Estadual de Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-graduação, 2013.